

Angélica Sátiro

www.telefonica.net/web/crearmundos

CREARMUNDOS 

Querida Vânia,

**Seguem as respostas às suas perguntas.
Um abraço,
angélica**

Até que ponto a filosofia para crianças influenciou no seu trabalho atual?

Para falar de agora, necessito falar de antes. Eu entrei em contacto com o programa Lipman no final dos anos 80, quando era professora de filosofia do ensino médio nas escolas da Rede Pitágoras de Belo Horizonte. Naquele momento tinha uma trajetória profissional de quase 10 anos, uma formação que passava pela filosofia, pela educação e pela arte; e, já elaborava materiais de educação criativa e reflexiva para jovens e crianças. A formação que o Pitágoras me ofereceu naquele momento foi fundamental na minha vida pessoal e profissional. Do final dos anos 80 até o ano 2000, como funcionária do Pitágoras, estive envolvida com esse programa, realizando atividades na comunidade nacional e internacional de filosofia para crianças. Foi um trabalho que começou pequeno e foi crescendo segundo os resultados positivos que alcançava. O Pitágoras foi uma grande escola e um grande campo de investigação. Estivemos trabalhando, investigando e criando com um grupo de pessoas que aumentou consideravelmente ao longo dos anos, de mais ou menos 6 professoras iniciais passamos a todo o corpo docente de todas as unidades externas do Pitágoras de um determinado momento. O Pitágoras colocou o Programa de Filosofia para Crianças (PFC) como um de seus “carros-chefe”, investiu no setor que cuidava dessa formação e apoiou várias iniciativas que iam desde reuniões semanais com professores em formação até à organização de cursos, seminários e congressos com convidados nacionais e internacionais.

Graças a esse investimento do Pitágoras, estivemos conectados às redes nacionais e internacionais que trabalham com esse programa. E, eu tive o prazer de aprender diretamente com Lipman em Montclair State University em diversas oportunidades. Ele é um mestre paciente e admirável! Sua proposta marcou e marca meu trabalho não somente no campo da educação e da filosofia.

Atualmente, vivo em Barcelona, na Espanha e sou colaboradora do GRUPIREF que é o grupo responsável pelo trabalho com o programa Lipman na Catalunya. Esse grupo também realiza esse trabalho há mais de 15 anos, formando professores, organizando eventos e criando novos materiais. O material Lipman, além de fazer parte do projeto filosofia 3/18, inspirou e fundamenta parte do projeto NORIA, que é um projeto em língua castellana de educação reflexiva e criativa. Esse projeto pretende desenvolver habilidades de pensamento criativo e atitudes e valores éticos. Nele, de Lipman, está o conceito de “comunidade de investigação”, e a ideia do diálogo como método para o desenvolvimento do pensamento e de atitudes. Também está presente a ideia de utilizar o recurso literário como ferramenta pedagógica para inserir as questões filosóficas. Além da questão das habilidades de pensamento. NORIA foi criado por mim e por Irene de Puig com base nesse trabalho de muitos anos de ambas as partes com as propostas de Lipman. Ou seja, nesse meu trabalho atual, fica muito claro como até hoje ele é um dos fundadores e das fortes influências na minha trajetória profissional.

Na Espanha, além de colaborar com o GRUPIREF trabalho com a formação de professorado para os ICEs (Institutos de Ciências de la Educación) de diversas universidades: UB, UAB, Rovira i Virgili; e, junto aos centros de formação de professores de Galícia, Andaluzia, Canárias, Baleares etc. Dou cursos e conferências sobre temas que estão dentro do escopo da relação entre ética e criatividade, principalmente. Também ofereço formação na área de artes e de interculturalidade. Em todo esse trabalho se pode notar a influência de Lipman principalmente no que se refere aos conceitos do diálogo, do pensamento e da criação de comunidades de investigação.

Na América Central, sou co-criadora, assessora e formadora de uma escola de Facilitadores da Criatividade, em Guatemala, La Antigua. Penso que nesse trabalho, a influência Lipman passa principalmente pelo que eu aprendi na coordenação das comunidades de investigação. Penso que um facilitador da criatividade, em vários aspectos, não em todos, deveria aprender com essa proposta de comunidade de investigação, já que em ambos casos se trata de conduzir o pensamento de um grupo.

Como escritora, evidentemente Lipman me influenciou muito, principalmente na parte de fundamentação a nível de filosofia da educação. Eu tenho livros publicados de educação, ética, filosofia e literatura para crianças, e, em alguns mais que em outros essa influência está presente. Nos livros que têm finalidade didática, com certeza Lipman é uma influência forte na parte de metodologia das comunidades de investigação. Nos livros, livretos e artigos sobre a “avaliação figuroanalógica”, ele é uma base importante já que foi trabalhando com seu projeto que me ocorreu que faltava algo nesse nível, e, a criação dessa forma/concepção de avaliar encontra nesse projeto sua fonte inspiradora. Nos livros de literatura infantil está presente a marca de colocar as histórias com o objetivo de provocar, de estimular o pensamento das crianças. Seguramente ele não é a única influência porque penso que hoje meu trabalho é uma síntese de distintas e várias investigações no campo da arte, da criatividade, da ética, da educação e da filosofia. Mas, com certeza ele é uma influência forte, em tudo o que faço sempre tem algum reflexo da proposta de Lipman, principalmente no que diz respeito ao processo do pensar.

Quais foram as dificuldades na aplicação do programa com as crianças e como você viu depois de muito tempo os resultados obtidos pela sua aplicação?

Com as crianças nunca senti dificuldade nenhuma! Incrível! Ao contrário, sempre vi que recebiam a possibilidade de pensar e de participar nas comunidades com muita alegria! Penso que talvez, nos primeiros momentos, a dificuldade maior era dos adultos e não das crianças. É muito difícil trabalhar com profundidade num modelo dialógico. O diálogo não é em linha reta, dá voltas, circula, passeia... E isso para alguns adultos é muito difícil de manejar quando se trata de 30 crianças na sala de aula. Mas, insisto, de maneira geral, as crianças responderam muito bem ao convite para pensar e dialogar!

Em algum momento víamos uma ruptura muito grande quando essas crianças passavam ao ciclo de 5ª à 8ª série, o modelo de ensino daquele segmento sempre entrou em choque com os alunos reflexivos, inquietos, dialogantes e perguntadores que vinham do trabalho com o programa de Lipman. Isso pode ter gerado para alguns a idéia de que esses alunos eram um “problema” já que rompiam com o ritmo das aulas expositivas. Mas, eu penso que aquelas gerações dos anos 80 e 90, foram a raiz e a semente das mudanças que hoje já se pode ver nas escolas.

Sei que você viajou para muitas escolas da rede em que você trabalhava, ou ainda trabalha, para qualificar os professores de filosofia. Qual era a reação dos professores quando conheciam o programa?

Eu sigo colaborando com a rede Pitágoras como parte do grupo de autores de livros das coleções didáticas deles. Sou co-autora junto com Paulo Volker de duas coleções de éticas que já estão fora de catálogo e de alguns livros da coleção de ética e empreendedorismo que entrará nas salas de aula a partir de 2006. E, em algum

momento, se estou pelo Brasil, faço alguma conferencia em seus eventos. Os 16 anos que estive no Pitágoras como funcionária, foram muito importantes e significativos para mim, uma escola em vários níveis, na qual aprendi muitas coisas! Seguramente essa é uma instituição a qual eu respeito, além de ser muito agradecida a tudo o que me ofereceram ao meu trabalho. Pitágoras foi uma instituição que me ofereceu valor e apoio e isso marcou muito minha vida profissional.

Para compreender o movimento de formação do professorado nessa linha de trabalho, é preciso dizer que quando chegou o momento das viagens pelas escolas da Rede já haviam passado alguns anos de experimentação nas escolas de Belo Horizonte. Essa formação não começou de maneira massiva. Começamos com dois critérios importantes: *quem quer e quem pode*. Com isso, contávamos com o desejo e a disposição horária dos professores para a formação. Foi aquele primeiro grupo de 6 pessoas dispostas e desejosas que entusiasmou todos os demais. E, ao longo dos anos o programa passou a ser uma realidade para um grupo muito mais amplo de professores. Foi nesse momento que começaram as viagens para as escolas da Rede. Penso que o fato de já não ser uma opção do professor, fez com que algumas pessoas se sentissem obrigadas a fazer esse tipo de trabalho e, por isso, contamos com algum tipo de resistência. Mas, de maneira geral, a minha memória guarda uma lembrança grata e agradável dos momentos de formação nas unidades externas do Pitágoras. Evidentemente, em algumas escolas mais que em outras o programa floresceu, cresceu e gerou muitos frutos. E isso, foi causado principalmente quando o solo era fértil, ou seja, onde havia um grupo de professores, coordenadores e diretores convencidos do valor desse programa, a formação teve um nível de aprofundamento especial. Nesses ambientes, o programa foi praticado e refletido, pensado, estudado e criticado.

O que você viu de positivo na aplicação do programa para o desenvolvimento da criticidade das crianças? Teve algum ponto negativo? Qual foi?

Seguramente nada é só positivo nem só negativo. E, evidentemente esse juízo será feito dependendo das premissas que cada um coloca como referências. Para os parâmetros no quais me movo, de negativo-absoluto não consigo ver nada. Inclusive, tenho um exemplo familiar com uma filha de 23 anos e outra de 13 - ambas viveram o programa de filosofia para crianças nas escolas Pitágoras e hoje vejo como mãe, muitos dos efeitos dessa formação que receberam. A maneira como pensam, como perguntam, como criticam, e, inclusive com o tipo de interesse temático que têm. Muitas vezes me cansam um pouco, porque não aceitam facilmente o que eu digo. Mas, isso para mim não é negativo, ao contrário, penso que é fundamental que sejam mais rigorosas e que peçam as razões de quem lhes diz que têm que fazer ou deixar de fazer algo. Igualmente é importante que elas defendam com argumentos o que querem ou não fazer.

Lembro-me agora de uma cena divertidíssima. Uma professora pediu que as crianças de 7 anos escrevessem as perguntas que tinham elaborado sobre um episódio de Issa e Guga. Uma das crianças escreveu mais de 30 perguntas e a professora ficou impressionada e sem saber o que fazer com aquilo. Quando apareci na sala, ela me olhou com os olhos muito abertos e me disse: e agora? O que faço com tanta pergunta? Teremos que buscar respostas para todas as perguntas dessa criança? E as outras crianças? Na época, não me lembro qual foi a resposta que dei, mas seguramente era algo para que se acolhesse essa manifestação da criança como algo positivo e não aterrador. Hoje, depois de muitos estudos no campo da criatividade, sei

que o exercício mental dessa criança foi fundamental para seu próprio desenvolvimento. Leonardo da Vinci fazia como ela! Evidentemente, naquele momento, quem sabe isso poderia ter sido visto como negativo, como algo que rompia a ordem, quebrava as estruturas de tempo e de espaço previstos pela escola.

É possível que para muitos, esse seja um ponto negativo, porque o vêem como algo que abre, abre, abre e nunca cerra nada com nenhuma conclusão. Penso que a abertura e a flexibilidade que esse trabalho proporciona, gera incômodos na estrutura fechada do sistema educacional. E, para professores com um perfil muito rígido e fechado, esse pode ser um ponto negativo, muito negativo. Quem se sente obrigado a dar as respostas, porque é quem sabe tudo, não tem como considerar positivo o fato de que seus alunos estão aprendendo a abrir, a ampliar, a flexibilizar seus pensamentos. Sem contar que existem campos do saber como a filosofia, a ética, por exemplo, nos quais não existe só uma resposta, nem só uma conclusão definitiva.

Bem, queria dar um exemplo que para mim é de resultado positivo. Em 1996, realizamos um CONGRESSO DE CRIANÇAS PARA CRIANÇAS dentro do projeto CRIANÇA CIDADADA, criado a partir do PFC. Nesse projeto, durante todo um ano, mais de 2000 (duas mil) crianças participaram de fóruns em suas escolas e prepararam seus representantes para um encontro presencial em Curitiba. Naquele encontro foram 300 (trezentas) crianças de diversas partes do país e de diferentes situações pessoais e sociais que refletiram juntas sobre a criança como cidadã. Foram as crianças que apresentaram as conferências, as mesas redondas e conduziram os grupos de trabalho e de vivência. E, tudo isso num nível altíssimo de participação! Impressionante tudo o que foram capazes de fazer ao longo do ano e durante aqueles 3 dias em Curitiba. O resultado desse trabalho chegou a transcender as salas de aula. Naquele momento, o então presidente Fernando Henrique Cardoso, recebeu uma comissão de 6 crianças que foram entregar uma carta redigida nos dias do congresso em Curitiba, na qual pediam ao presidente do país que as considerasse como cidadãs e que respeitasse seus direitos. Aquela era uma primeira vez que tal cena podia ser vista. Hoje seguramente é mais comum e sei de muitas pessoas que aprenderam daquela experiência e que seguem com iniciativas similares. Sinto-me feliz com isso, afinal é muito bom criar uma ideia e ver que depois ela transcende a sua própria existência. Mas, evidentemente é necessário ressaltar que nada disso ocorreria se não fosse a sensibilidade e o apoio econômico dos donos do Pitágoras, e, em especial de um deles: Fernando Cabizuca, que participou ativamente de todas as fases desse projeto. Esse foi um dos trabalhos dos quais mais me orgulho de ter feito na minha vida! Recordá-lo me enche de entusiasmo! E, às vezes, até hoje, quase 10 anos depois, recebo algum e-mail comentando sobre a maravilha que foi aquele trabalho. Ou, quando vou ao Brasil, às vezes encontro com alguém que participou de alguma maneira daquele projeto e recorda o importante que ele foi para sua vida pessoal e profissional. Esses são aqueles gratos momentos que a vida nos oferece de retorno por um esforço empreendido! *“Gracias a la vida que nos hay dado tanto”!*

Quero agradecer a Vânia por fazer-me essa entrevista, foi uma oportunidade de retomar a própria memória de uma década que passou mas que deixou marcas profundas na minha história profissional e pessoal. A vida é mesmo curiosa com essas voltas que ela dá! Estou acabando de responder a essa entrevista em La Coruña, porque venho aqui para dar cursos ao professorado na linha do PROJETO NORIA. Mas, La Coruña é também a cidade espanhola na qual a Vânia faz o seu doutorado. Envio a mensagem para ela que está lá no Brasil, no estado do Goiás onde muitas vezes fui para trabalhar na formação do professorado das escolas do Pitágoras. É

Angélica Sátiro

www.telefonica.net/web/crearmundos

CREARMUNDOS 

mesmo interessante ver como o mundo está tao conectado, mesmo quando o oceano Atlântico está no meio...